

PARTE I

Um buda antigo disse um dia:

Algures no tempo, em pé no cume mais alto da montanha,
Algures no tempo, a avançar no leito do oceano mais profundo,
Algures no tempo, um demónio com três cabeças e oito braços,
Algures no tempo, o corpo dourado de cinco metros de um buda,
Algures no tempo, o cajado de um monge ou o espanta-moscas
de um mestre,¹
Algures no tempo, um pilar ou uma candeia,
Algures no tempo, qualquer José ou Maria,²
Algures no tempo, a terra inteira e o céu sem fim.

— Dōgen Zenji, «Algures no tempo»³

¹ Japonês *hossu* — um espanador feito de caudas de cavalos que um monge *zen* budista leva consigo.

² Japonês *chōsan rishi* — literalmente o terceiro filho de Zhang e o quarto filho de Li; expressão que significa «qualquer pessoa comum». Traduzi como «qualquer José ou Maria», mas poderia ser também «qualquer António, Joaquim ou Manuel».

³ Eihei Dōgen Zenji (1200-1253) — mestre *zen* japonês e autor de *Shōbōgenzō* (*O Tesouro do Olho Verdadeiro de Dharma*). «Algures no tempo» (*Uji*) é o décimo primeiro capítulo.

NAO

1.

Olá!

Chamo-me Nao e sou um ser-tempo. Sabes o que é um ser-tempo? Bem, se me deres um momento, eu digo-te.

Um ser-tempo é uma pessoa que vive no tempo, o que significa que és tu, sou eu e é cada um de nós que existe, existiu ou existirá. Quanto a mim, neste momento, estou sentada num café com empregadas vestidas de criadas francesas no Bairro Elétrico de Akiba, a ouvir uma *chanson* triste que está a tocar algures no teu passado, que também é o meu presente, em que estou a escrever isto e a perguntar-me sobre o que será feito de ti algures no meu futuro. E, se estás a ler este texto, talvez comeces agora também a perguntar-te o que será feito de mim.

Tu perguntas-te o que será feito de mim.

Eu pergunto-me o que será feito de ti.

Quem és tu e o que estás a fazer?

Estarás pendurado numa correia no metropolitano de Nova Iorque ou de molho na banheira de hidromassagem da tua casa em Sunnyvale?

Estarás a tomar banhos de sol no areal de uma praia em Phuket, ou a arranjar as unhas dos pés em Brighton?

És homem, mulher ou qualquer coisa de intermédio?

A tua namorada estará a cozinhar-te um jantar delicioso ou estarás a comer massa chinesa fria de uma caixa?

Estarás enrolado na cama com as costas viradas para a tua mulher que ressona sem parar ou estarás ansiosamente à espera de que o teu belo amante termine o banho para poderes fazer amor apaixonado com ele?

Terás uma gata e estará ela sentada ao teu colo? A testa dela cheirá a cedros e ar fresco e doce?

Na verdade, não interessa muito, porque, quando leres isto, tudo será diferente e tu estarás noutro lugar qualquer a folhear distraidamente as páginas deste livro, que, por acaso, é o diário dos meus últimos dias na Terra, a perguntar-te se deverás continuar a ler.

E, se decidires não continuar, bem, não há problema nenhum, porque, em todo o caso, não era de ti que eu estava à espera. Mas, se decidires continuar, adivinha? És o meu tipo de ser-tempo e, juntos, vamos criar magia!

2.

Argh. Isto foi estúpido. Vou ter de fazer melhor. Aposto que estás a pensar que só uma rapariga muito estúpida escreveria este tipo de coisas.

Bem, essa rapariga seria eu.

Seria a Nao.

A Nao sou eu, Naoko Yasutani, que é o meu nome completo, mas podes tratar-me por Nao porque é o que toda a gente faz. E é melhor contar-te um pouco mais sobre mim para o caso de nos continuarmos a encontrar desta maneira...!

Na verdade, pouco mudou. Continuo num café com empregadas vestidas de criadas francesas no Bairro Elétrico de Akiba, e a Edith Pilaf está a cantar mais uma *chanson* triste e a Babette acabou de me trazer um café que eu já comecei a bebericar. A Babette é a empregada que me está a servir, bem como a minha nova amiga, e o meu café chama-se Blue Mountain e eu bebo-o simples, o que é pouco habitual numa adolescente, mas é, sem dúvida, a melhor maneira de beber bom café para quem tem algum respeito pelo grão amargo.

Puxei a meia para baixo e cocei atrás do joelho.

Alisei as pregas da saia para que estejam perfeitamente alinhadas em cima das minhas coxas.

Pus o cabelo que me dá pelos ombros atrás da orelha direita, que tem cinco furos para brincos, mas agora estou a deixá-lo cair timidamente para a frente do rosto porque o funcionário de escritório *otaku*⁴ que está sentado à mesa ao lado da minha está a olhar fixamente para mim, e está a deixar-me assustada, embora, ao mesmo tempo, também me divirta. Estou a usar o meu uniforme da escola de terceiro ciclo e, pela forma como ele está a olhar para o meu corpo, dá para perceber que tem um enorme fetiche por colegiais, e, se for o caso, porque será que está num café com empregadas vestidas de criadas francesas? Bem, que grande otário.

Mas nunca se sabe. Tudo muda e tudo é possível, pelo que pode ser que eu venha a mudar de ideias quanto a ele. Talvez nos próximos minutos ele se venha a inclinar estranhamente na minha direção e me venha a dizer algo surpreendentemente bonito e eu seja tomada por uma afeição por ele, não obstante o cabelo oleoso e a pele desagradável, e me digne a conversar um pouco com ele, e, afinal, ele me vá convidar a ir às compras, e, se me conseguir convencer de que está loucamente apaixonado por mim, eu vá a uma loja com ele e deixe que ele me compre uma casaco de malha bonito ou um *keitai*⁵ ou uma mala de mão, embora seja evidente que não tem muito dinheiro. Depois, talvez vamos a uma discoteca e bebamos alguns coquetéis e demos um saltinho a um motel com um *jacuzzi* de grandes dimensões e, depois de tomarmos um banho e de eu começar a sentir-me mais à vontade com ele, a sua verdadeira natureza venha ao de cima e ele me ate mãos e pernas, me ponha o saco de plástico que usámos nas compras na cabeça e me viole, e, algumas horas depois, a polícia venha a encontrar o meu corpo inerte dobrado em ângulos estranhos no chão ao lado da enorme cama redonda com colcha em padrão de pele de zebra.

Ou talvez ele se limite a pedir-me que o estrangule um pouco com as minhas cuecas enquanto ele bate uma a sentir-lhes o cheiro doce.

⁴ *otaku* (お宅) — fã ou fanático obsessivo, pessoa obcecada por computadores, cromo.

⁵ *keitai* (携帯) — telemóvel.

Ou talvez nada disto venha a acontecer a não ser na minha cabeça e na tua, porque, como já te disse, juntos vamos criar magia, pelo menos algures no tempo.

3.

Ainda estás aí? Acabei de reler o que escrevi sobre o funcionário *otaku* e quero pedir desculpa. Foi indecente. Não foi uma boa maneira de começar.

Não quero que fiques com a impressão errada. Não sou estúpida. Eu sei que a Edith Pilaf não é mesmo Pilaf. E também não sou indecente nem *hentai*.⁶ Na verdade, não sou grande adepta de *hentai*, pelo que, se for o teu caso, faz-me o favor de pousar imediatamente o livro e de o deixar de ler, está bem? Vai ser uma desilusão e uma perda de tempo para ti, porque este livro não vai ser o diário secreto de uma adolescente atrevida cheia de fantasias cor-de-rosa e fetiches indecentes. Não é o que pensas, uma vez que o meu objetivo para o escrever antes de morrer é contar a alguém a vida fascinante da minha visavó de cento e quatro anos, que é uma monja budista *zen*.

Provavelmente pensas que as monjas não são assim tão fascinantes, mas a minha visavó é, e de uma forma nada atrevida. De certeza que há muitas monjas atrevidas por aí... bem, talvez não muitas monjas atrevidas, mas monges atrevidos, sim, há monges atrevidos em toda a parte... mas o meu diário não vai ter nada que ver com eles nem com os seus comportamentos bizarros.

Este diário vai contar a história verdadeira da minha visavó Yasutani Jiko. Foi monja e romancista e Nova Mulher⁷ da era Taishō.⁸ Além disso, foi uma anarquista e feminista que teve muitos amantes, tanto do sexo masculino como do feminino, mas nunca foi atrevida nem indecente. E, embora eu possa acabar por fazer referência a alguns dos

⁶ *hentai* (変態) — perverso sexual.

⁷ Nova Mulher — um termo usado no Japão no início do século xx para descrever mulheres progressistas e instruídas que rejeitavam as limitações dos papéis tradicionais dos géneros.

⁸ Era Taishō, 1912-1926, com o nome do imperador Taishō, também chamada Democracia Taishō; um período curto de liberalização social e política, que acabou com a tomada do poder de militares de direita que levou à Segunda Guerra Mundial.

casos amorosos que foi tendo, tudo o que escrever será verdadeiro do ponto de vista histórico, com vista a colocar o poder das mulheres em destaque, e não um conjunto de disparates de *geisha*. Portanto, se aprecias coisas atrevidas e indecentes, fecha este livro e dá-o à tua mulher ou ao teu colega de trabalho e poupa tempo e problemas.

4.

Creio que é importante termos objetivos claramente definidos na vida, não achas? Sobretudo se não nos restar muita vida. Porque, se não tivermos objetivos definidos, podemos ficar sem tempo, e, quando o dia chegar, daremos por nós no parapeito de um edifício alto, ou sentados na cama com um frasco de comprimidos na mão a pensar: Merda! Fiz asneira! Devia ter definido objetivos mais claros para a minha vida!

Estou a dizer-te isto porque eu, na verdade, não vou estar por cá muito mais tempo, e podes já sabê-lo à partida para não fazeres nenhuma suposição. As suposições são uma porcaria. São como as expectativas. As suposições e as expectativas matarão qualquer relação, por isso é melhor não irmos por aí, está bem?

A verdade é que não tarda até que eu me licencie no tempo, ou talvez eu não devesse usar o verbo licenciar porque assim parece que consegui atingir os meus objetivos e mereço seguir em frente, quando a verdade é que acabei de fazer dezasseis anos e não consegui fazer coisa nenhuma. Zero. Nada. Pareço-te patética? Não é a minha intenção. Só quero ser precisa. Talvez em vez de me licenciar, eu devesse dizer que vou desistir do tempo. Desistir. Chegar ao fim. Abandonar a existência. Estou a contar os momentos.

Um...

Dois...

Três...

Quatro...

Espera, já sei! Vamos contar os momentos juntos!⁹

⁹ Para mais ideias sobre momentos *zen*, ver Anexo A.

RUTH

1.

O olho de Ruth foi tocado por uma centelha, um leve lampejo fruto da refração da luz do sol em algo que estava debaixo de um emaranhado de algas gigantes que estavam a secar depois de o mar as ter empurrado para a areia com o encher da maré. Confundiu-o com o brilho de uma alforreca moribunda e quase que lhe passou ao lado. As praias estavam peçadas de alforrecas por aquela altura, daquelas vermelhas monstruosas que picavam e que pareciam feridas ao longo da costa.

Mas houve algo que a fez parar. Inclinou-se e afastou o monte de algas com a biqueira dos ténis e depois cutucou a coisa com um pau. Depois de desembaraçar as frondes que pareciam chicotes, conseguiu afastar algas suficientes para ver que o que estava a reluzir não era uma alforreca moribunda, mas algo de plástico, um saco. Não era de surpreender. O oceano estava cheio de plástico. Escarafunchou um pouco mais até conseguir levantar o saco pelo canto. Era mais pesado do que ela estava à espera, um saco de plástico de congelação em mau estado, encrustado de percebes que se espalhavam em toda a sua superfície como se de uma irritação cutânea se tratasse. Deve ter estado muito tempo no oceano, pensou. Dentro do saco, via o indício de algo vermelho, o lixo de alguém, sem dúvida, atirado borda fora ou deixado para trás depois de um piquenique ou de uma rave. O mar estava sempre a arrastar coisas para a costa e a puxá-las de volta: linhas de pesca, boias,

latas de cerveja, brinquedos de plástico, tampões, ténis Nike. Alguns anos antes eram pés cortados. Havia pessoas a encontrá-los por toda a Ilha de Vancouver depois de terem sido trazidos pelo mar. Um tinha sido encontrado naquela mesma praia. Ninguém conseguia explicar o que tinha acontecido ao resto dos corpos. Ruth não queria pensar no que poderia estar a apodrecer dentro do saco. Atirou-o mais para cima no areal. Iria acabar a caminhada e depois iria buscá-lo no caminho de regresso, levá-lo para casa e deitá-lo fora.

2.

— O que é isto? — perguntou-lhe o marido do vestíbulo.

Ruth estava a fazer o jantar, concentrada a cortar cenouras.

— Isto — repetiu Oliver ao ver que ela não respondia.

Ela levantou a cabeça. Oliver estava sentado junto à entrada da cozinha, com o saco de congelação em mau estado a pender-lhe entre os dedos. Ela tinha-o deixado no alpendre, com intenção de o meter no caixote do lixo, mas tinha-se distraído.

— Ah, deixa estar — pediu ela. — É lixo. É só um saco que eu apanhei na praia. Não o tragas para dentro de casa. — Porque é que ela tinha de se explicar?

— Mas tem alguma coisa dentro — disse ele. — Não queres saber o que é?

— Não — respondeu Ruth. — O jantar está quase pronto.

Ele levou o saco para dentro na mesma e pousou-o na mesa da cozinha, espalhando areia no tampo. Não se conseguiu conter. Era da sua natureza precisar de saber, desmontar as coisas e, de vez em quando, voltar a montá-las. Tinham o frigorífico cheio de sudários de plástico com carcaças minúsculas de pássaros, musaranhos e outros animais pequenos que o gato levava para casa, à espera de serem dissecadas e empalhadas.

— Não é só um saco — informou, abrindo com cuidado o primeiro antes de o pôr de lado. — São sacos dentro de sacos.

O gato, atraído por toda a atividade, pulou para cima da mesa para ajudar. Não tinha autorização para estar em cima da mesa. Tinha um

nome, *Schrödinger*, mas eles nunca o usavam. Oliver chamava-lhe a *Peste*, que, de vez em quando, se transformava em *Pesto*. Estava sempre a fazer coisas maldosas, como estripar esquilos no meio da cozinha, deixando pequenos órgãos reluzentes, rins e intestinos, à porta do quarto deles, onde Ruth acabaria por os pisar com os pés descalços a caminho da casa de banho à noite. Eram uma equipa, Oliver e o gato. Quando Oliver subia as escadas, o gato subia as escadas. Quando Oliver descia as escadas para ir comer, o gato descia as escadas para ir comer. Quando Oliver ia ao quintal para urinar, o gato ia ao quintal para urinar. E, ali na cozinha, Ruth estava a observá-los enquanto eles examinavam o conteúdo dos sacos de plástico. Estremeceu, a antecipar o cheiro pestilento do piquenique apodrecido de alguém, ou pior, que ia estragar a fragrância da refeição que se preparavam para tomar. Sopa de lentilhas. Iam comer sopa de lentilhas e salada ao jantar, e ela tinha acabado de pôr o alecrim.

— Não achas melhor dissecares o teu lixo no alpendre?

— Foste tu que o trouxeste — atirou ele. — E, seja como for, não me parece que seja lixo. Está demasiado bem embrulhado. — Oliver prosseguiu com a sua atividade forense de abrir sacos.

Ruth fungou, mas os únicos cheiros que sentiu foram o da areia, do sal e do mar.

De repente, ele começou a rir-se.

— Olha, *Pesto*! — disse. — É para ti! É uma lancheira da Hello Kitty!!

— Por favor! — disse Ruth, já a sentir-se desesperada.

— E tem alguma coisa no interior...

— Estou a falar a sério! Não quero que a abras aqui. Leva-a lá para fora...

Mas era tarde demais.

3.

Oliver alisara os sacos, empilhara-os por tamanho, os maiores em baixo, os menores em cima, e organizara o conteúdo em três coleções bem definidas: uma pequena pilha de cartas escritas à mão, um rechonchudo

livro encadernado com uma capa vermelha esbatida; e um robusto relógio de bolso antigo com um mostrador preto fosco e ponteiros luminosos. Ao lado destes objetos estava a lancheira da Hello Kitty que protegera o conteúdo dos efeitos corrosivos do mar. O gato estava a farejar a lancheira. Ruth pegou no bichano e pô-lo no chão antes de virar a atenção para os objetos em cima da mesa.

As cartas pareciam estar escritas em japonês. A capa do livro vermelho estava impressa em francês. O relógio tinha marcações gravadas no fundo que eram difíceis de decifrar, pelo que Oliver pegara no iPhone e estava a usar a aplicação do microscópio para examinar as gravações.

— Parece-me que isto também está em japonês — disse.

Ruth folheou as cartas, a tentar perceber os caracteres que estavam escritos em tinta azul desbotada.

— A letra é antiga e cursiva. Muito bonita, mas não consigo distinguir uma única palavra. — Pousou as cartas e tirou-lhe o relógio das mãos. — Sim, são números japoneses. Mas não é uma data. *Yôn, nana, san, hachi, nana*. Quatro, sete, três, oito, sete. Um número de série, será?

Levou o relógio ao ouvido para ouvir o tiquetaque, mas estava parado. Pousou-o e pegou na lancheira vermelha. Fora aquele tom vivo de vermelho que perpassara pelo plástico em mau estado e que a levava a confundir o saco de plástico com uma alforreca. Há quanto tempo estaria a flutuar no oceano antes de ter dado à costa? A tampa da lancheira tinha um vedante de borracha em volta da borda. Ruth pegou no livro, que estava surpreendentemente seco; a cobertura de pano era macia e estava surrada, os cantos coçados de tanto manuseio. Levou a ponta ao nariz e inspirou o aroma húmido das páginas com mofo e pó. Olhou para o título.

— «*À la Recherche du Temps Perdu*» — leu. «Par Marcel Proust».

4.

Eles gostavam de livros, de todos os livros, mas sobretudo de livros velhos, e tinham a casa cheia deles. Havia livros em todo o lado, empilhados em prateleiras e amontoados no chão, em cadeiras, nos degraus

das escadas, mas nem Ruth nem Oliver se importavam. Ruth era uma romancista, e os romancistas, afirmava Oliver, deviam ter gatos e livros. E, de facto, comprar livros era a consolação de Ruth depois de se ter mudado para o meio da ilha de Desolation Sound, onde a biblioteca pública era uma sala pequena e húmida no andar de cima do centro comunitário, a abarrotar de crianças. Além da ampla secção de literatura juvenil com as páginas vincadas e de alguns títulos de adultos populares, o acervo da biblioteca parecia ser sobretudo composto por livros sobre jardinagem, conservas, segurança alimentar, energia alternativa, medicina alternativa e escolarização alternativa. Ruth sentia falta da abundância e da diversidade das bibliotecas urbanas, da amplidão silenciosa das salas, e, quando se mudou com Oliver para a pequena ilha, concordaram que ela poderia encomendar qualquer livro que quisesse, que era o que fazia. Investigação, dizia, embora ele acabasse por os ler quase todos e ela apenas alguns. Gostava de os ter por perto. No entanto, estava a começar a reparar que o ar húmido do mar tinha inchado as páginas e que as traças se tinham alojado nas lombadas. Quando abria as capas, sentia o cheiro a mofo, o que a enchia de tristeza.

— Em busca do tempo perdido — disse ela, a traduzir o título gravado na lombada de tecido vermelho em letras douradas cheias de manchas. — Nunca o li.

— Eu também não — disse Oliver. — Mas acho que não vou tentar fazê-lo em francês.

— Hum — murmurou ela, a concordar, mas não deixou de abrir a capa para ver se conseguia compreender as primeiras frases. Estava à espera de ver uma folha manchada pelo tempo, impressa com uma letra antiga, pelo que estava completamente despreparada para a letra roxa de adolescente que ocupava a página. Pareceu-lhe uma profanação, e ficou tão chocada que quase deixou cair o livro.

5.

O texto impresso é previsível e impessoal, e transmite a informação numa transação mecânica com o olho do leitor.

Por sua vez, a escrita à mão resiste ao olho, revela o seu significado devagar e é tão íntima como a pele.

Ruth olhou fixamente para a página. As letras roxas estavam quase todas em inglês, havendo caracteres japoneses dispersos, mas, mais do que a apreender-lhes o significado, os olhos de Ruth estavam a registar uma sensação *sentimental*, turva e emotiva, da presença da escritora. Os dedos que agarraram a caneta de gel roxo deviam pertencer a uma rapariga, uma adolescente. A letra, uns traços roxos arredondados impressos na página, manteve-lhe os humores e as ansiedades, e, assim que Ruth pousou os olhos na página, não teve dúvidas de que as impressões digitais da rapariga estavam rosadas e húmidas, e que roera as unhas até ao sabugo.

Ruth olhou para as letras com mais atenção. Eram redondas e um pouco desleixadas (como imaginou que a rapariga também seria), mas eram mais ou menos direitas e pareciam marchar, determinadas, na página, não à pressa, mas também sem perder tempo. Às vezes, no final de uma linha, amontoavam-se um pouco, como pessoas a acotovelar-se para entrar no elevador ou numa carruagem do metro quando as portas estavam a fechar-se. A curiosidade de Ruth atingiu os píncaros. Era claro que se tratava de algum tipo de diário. Voltou a olhar para a capa. Deveria lê-lo? Deliberadamente, abriu-o até chegar à primeira página, sentindo-se levemente impudica, como uma bisbilhoteira ou uma intrometida. Os romancistas passam muito tempo a meter o nariz nos assuntos de outras pessoas. Ruth não desconhecia a sensação.

Olá, leu. Chamo-me Nao, e sou um ser-tempo. Sabes o que é um ser-tempo?...

6.

— Destroços flutuantes — disse Oliver. Estava a examinar os percebes que tinham crescido na superfície do saco de plástico exterior. — Não acredito.

Ruth levantou os olhos da página.

— Claro que são destroços flutuantes — disse ela. — Ou carga alijada. — Sentia o livro quente nas mãos, e queria continuar a ler, mas deu por si a pensar: — Que diferença faz, afinal?

— Os destroços flutuantes são acidentais, coisas encontradas a flutuar no mar. A carga alijada foi lançada ao mar. É uma questão de intenção. Portanto, tens razão, talvez isto seja carga alijada. — Voltou a pousar o saco em cima da mesa. — Acho que está a começar.

— O que é que está a começar?

— Os objetos derivantes — respondeu Oliver. — A desviar-se da órbita do giro do Pacífico...

Os olhos dele brilhavam e ela percebeu que Oliver estava empolgado. Pousou o livro no colo.

— O que é um giro?

— Existem onze grandes giros planetários — respondeu ele. — Dois deles fluem diretamente para aqui a partir do Japão e divergem ao largo da linha costeira da Colúmbia Britânica. O mais pequeno, o giro das Aleutas, segue para norte em direção às Ilhas Aleutas. O maior vai para sul. Às vezes é designado por giro Tartaruga, porque as tartarugas marinhas aproveitam a boleia quando migram do Japão para Baja.

Levantou as mãos para descrever um círculo grande. O gato, que tinha adormecido em cima da mesa, deve ter-lhe sentido o entusiasmo, porque abriu um olho verde para o ver.

— Imagina o Pacífico — disse Oliver. — O Giro Tartaruga move-se no sentido do relógio e o Giro das Aletas no sentido contrário. — As mãos moviam-se de acordo com os grandes arcos e as espirais do fluxo do oceano.

— Isso não é o mesmo que a Corrente Kuroshio?

Ele já lhe tinha falado da Corrente Kuroshio. Também era conhecida como a Corrente Negra, e levava água tropical quente da Ásia para a costa do nordeste do Pacífico.

Mas Oliver abanou a cabeça.

— Não é bem — respondeu. — Os giros são maiores. Uma espécie de cadeia de correntes. Imagina um círculo de serpentes, cada uma a morder a cauda da que está à frente. A Corrente Kuroshio é uma de quatro ou cinco correntes que compõem o Giro da Tartaruga.